

Janela da Alma

Alessandro Gamo

Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

alessgamo@terra.com.br

Cássio dos Santos Tomaim, *“Janela da Alma” Cinejornal e Estado Novo - Fragmentos de um Discurso Totalitário*, São Paulo: Annablume/FAPESP, 2006. ISBN 85-7419-621-5.

O cinejornal de viés político é um gênero muito particular dentro do universo do documentário. Para além da questão sobre sua objetividade, desvendar a sua construção pode ser um modo de desvendar uma funcionalidade que se encontra na raiz de seus propósitos. A pretensão de direcionamento de corações e mentes e a elaboração de uma leitura de mundo específica podem comportar projetos ideológicos que tornam estes cinejornais objetos privilegiados para um historiador que se proponha dialogar com o jogo de elementos próprios do fazer audiovisual, seus mecanismos de construção de sentido e os pontos de vista que se lançam aos espectadores.

Este é o desafio que o historiador Cássio dos Santos Tomaim se propôs em seu livro “Janela da Alma” Cinejornal e Estado Novo – Fragmentos de um Discurso Totalitário, originalmente escrito como dissertação em História. O autor tomou como objeto de análise o Cine Jornal Brasileiro (CJB), produzido entre 1939 e 1945, pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e buscou, a partir dele, entender como se pretendeu construir uma representação da ditadura do Estado Novo e de seu líder Getúlio Vargas. E que temas foram apropriados e como foram retrabalhados com aquele propósito.

O autor inicia a trajetória discutindo a postura do pesquisador de desconstruir o objeto, problematizar o olhar e o mundo apresentado pelo cinejornal, num esforço desmistificador. Estamos no terreno do cinema e, portanto, reconhecer as artimanhas da montagem torna-se fundamental.

Tomaim aponta a importância da construção da referência imaginária de um Estado forte, que comportava a ideologia de um “Todo Orgânico”, expressando uma sociedade una, na qual participavam os espectadores, o Dirigente da nação e os projetos para o país. Era necessário incorporar a ‘multidão’, e os signos contidos nos cinejornais estudados foram pensados para legitimar esta perspectiva e reforçar uma ideia de pertencimento. Que encontrou no veículo um caminho importante, pois, como aponta o autor, “o filme documentário, na visão dos próprios ideólogos do regime, era a melhor orientação para a propaganda e orientação política” (p.30).

Aqui a discussão proposta encontra em Walter Benjamin um diálogo em torno da “estetização da política” e da “politização da arte” e como consequência, uma discussão sobre como, através do cinema, certos mitos são construídos e ritualizados para serem acionados pela ‘multidão’, dentro de uma perspectiva pedagógica. Este debate vai ao encontro das perspectivas do Estado Novo de incorporação e representação das multidões nas telas. Ainda neste diálogo com Benjamin, há a relação do cinema com a modernidade e a constituição do homem contemporâneo, que o autor aproxima dos propósitos modernizantes do Estado no período, seja no trato com o campo como na valoração das grandes metrópoles e no processo de industrialização do País.

Para salientar a possibilidade de incorporação do filme documentário dentro de um projeto ideológico, temos no livro o questionamento da objetividade do gênero, mostrando, em diálogo com Manuela Penafria, seu caráter de produto construído a partir de um ponto de vista sobre o mundo. O que, para o pesquisador, o torna revelador deste mundo construído, que se quer entender.

Tomaim aprofunda a contextualização da discussão quando entra no campo da ideologia do Estado Novo e nas suas relações com o cinema, estabelecendo diálogos com vários historiadores, em especial com o fundamental trabalho realizado por José Inácio de Melo Souza sobre o tema. Acompanhamos as várias tentativas de controle da propaganda do regime, desde início dos anos 30, a criação dos órgãos responsáveis anteriores ao “famigerado DIP” e seu alcance na sociedade. Vemos também as identificações dos usos e controles da propaganda oficial do Estado brasileiro com o exemplo da Alemanha nazista. São tratados e exemplificados os temas e imagens presentes na construção fílmica

do Cine Jornal Brasileiro, a procura de “imagens que funcionem como mecanismos de identificação entre o povo e a ideologia estadonovista, artifícios fascinantes capazes de aproximá-los” (p.105). Revela-se nos cinejornais a preocupação com a temática da “Industrialização e o Trabalho”, “A Segunda Guerra Mundial” e da “Multidão”, os usos das imagens referentes à Criança, o Trabalhador-Multidão, o Líder, o Inimigo e os mitos a elas associados.

Encontramos aí o ‘biscoito fino’ da análise do autor, que é seu corpo-a-corpo com os filmes na busca pelas significações neles contidas. As associações entre trabalhadores e máquinas no espaço fabril manifestam uma aproximação fílmica da temática do desenvolvimento com um esforço de guerra. Neste sentido, temos a criação de um ‘front interno’: a necessidade e legitimação da união dos trabalhadores num objetivo comum de resposta ao Inimigo. Não há imagens dos expedicionários na Europa; o inimigo personifica desafios internos. Fábricas e desenvolvimento, marchas e reuniões de trabalhadores sendo representações desta ideologia que visava aproximar os propósitos do Líder e da Multidão, gerando necessidades comuns de empenho.

A multidão aparece representada pelas manifestações contra os ataques alemães a navios brasileiros, pelas reuniões de soldados – o Guerreiro - e enfermeiras, pelas arquibancadas repletas em dias festivos de Primeiro de Maio e homenagens a Getúlio Vargas, manifestando um único corpo. As máquinas abrindo estradas pelo interior do Brasil e a prosperidade sendo levada ao sertão, anunciam o processo civilizatório em curso e a prosperidade rumo a um Brasil mais homogêneo. “O Estado Novo, ao convocar todos os operários brasileiros para a “batalha da produção” excluía definitivamente das telas a imagem do Brasil arcaico” (p.251). Com olhar atento ao campo simbólico, o livro de Tomain mostra como a busca da legitimação de um projeto autoritário se valeu destes cinejornais e gerou um quadro de imagens que se pretendia de um único corpo, ou antes, de uma única alma.